

ALFABETIZAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL: entre histórias e memórias

*Terezinha Bazé de Lima*¹

*Regina Aparecida Marques de Souza*²

*Rozemeiry dos Santos Marques Moreira*³

*Alan Silus*⁴

Eixo temático: 2. Alfabetização e História

Resumo: O presente artigo objetiva compreender o significado da histórica da alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul por meio de relatos e memórias de seus autores. O texto aborda o período da década de 1970 até os dias atuais tendo como base os estudos de Lima (1991) e Espíndola (1997) que iniciaram o trajeto histórico das propostas em Alfabetização compreendida entre os períodos de 1960 a 1990 no território do atual estado de Mato Grosso do Sul. Destacamos ainda o papel do curso de Pedagogia/UFMS/CPTL como protagonista de projetos que alavancaram o processo de alfabetização através das produções científicas no estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Alfabetização; Cartilha; Métodos; Relatos.

Introdução

A presença dos estudos sobre o processo de Alfabetização no Brasil desde o final do século XIX constitui-se tema de grandes reflexões, políticas, práticas e lutas apresentadas através de memórias e histórias que compreendem o processo de metodização ao processo de desmetodização do ensino inicial da leitura e da escrita.

Nesse artigo apresentamos o percurso da Alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul (MS), no final da década de 1970, por meio da história e memórias que foram produzidas a partir de experiências em práticas alfabetizadoras e pesquisas no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. Contato: bazelima@unigran.br

²Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Três Lagoas. Contato: regina.souza@ufms.br

³Doutora em Educação pela UFSCar. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Três Lagoas. Contato: rozemeiry.moreira@ufms.br

⁴Mestre e Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela UFMS. Professor do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN e Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus de Três Lagoas. Contato: alan.silus@ufms.br

Nesse contexto, para compor o histórico da Alfabetização Sul-Mato-Grossense, recorreremos aos trabalhos acadêmicos produzidos por Lima (1991) e Espíndola (1997) que subsidiam os relatos, fatos e depoimentos acontecidos nos últimos anos e, se constituem como elementos importantes para o reconhecimento e a valoração dos eventos que compreendem as pesquisas, em especial da alfabetização (REGO,2003).

No caminho da compreensão do contemporâneo, necessitamos fazer um retorno ao passado para refletir acerca do legado deixado e dos movimentos fortuitos que promovem os novos rumos da Alfabetização no Brasil.

Histórias e memórias da Alfabetização em Mato Grosso do Sul

Enquanto organizávamos a escrita deste artigo, a primeira a dar os primeiros “pitacos” foi a Terezinha Bazé, mas conhecida carinhosamente como Profa Bazé. No momento em que tecia suas considerações, ela nos brindou com uma história que remonta ao estado de Mato Grosso (Uno), em um período que compreende as décadas de 1960 e 1970: *o processo de ensino era baseado no método sintético, com uso de cartilhas, que estudamos a partir das letras isoladas que, unidas com uma vogal, tínhamos a unidade silábica e, assim, toda a família silábica. Nesse período, o aluno não tinha liberdade e nem autonomia para escrever nenhuma palavra cuja sílaba não tivesse sido “ensinada” pela professora, que obedecia a sequência lógica da cartilha. Caso perguntássemos: “professora, posso escrever a palavra “zangado” na minha frase? Ela responderia: Não, porque a professora ainda não chegou na família do ZA, ZE, ZI, ZO, ZU e não chegamos ainda na lição da zabumba na nossa cartilha. E foi dessa forma também a nossa primeira experiência e vivência com o processo de alfabetização escolar.*

A Professora Bazé argumentou que as cartilhas foram o grande recurso utilizado neste processo de alfabetização e destaca três: **Upa Cavalinho!** de Lourenço Filho, **Caminho Suave** de Branca Alves de Lima e **No Reino da Alegria** de Doracy de Paula Falleiros de Almeida. A cartilha **Upa Cavalinho!** segundo Mortatti (2004) conquista uma autonomia plena no processo da aprendizagem de leitura e de escrita dando maturidade à construção da alfabetização.

A cartilha **Caminho Suave**, esteve em pleno uso entre as décadas de 1950 a 1990 (ainda hoje alcança uma venda significativa), sua abordagem parte de uma ideia simples de associar as imagens e as letras com o objetivo de facilitar o aprendizado. A letra A é escrita no corpo de uma abelha, a B na barriga de um bebê, a V compõem os chifres de uma vaca. Em razão dessa estratégia, criada pela professora Branca Alves de Lima em 1948, sua primeira publicação tornou-se conhecida como um método de “alfabetização pela imagem”.

A cartilha **No Reino da Alegria** apresentou uma inovação, com um tamanho maior que as demais, introduziu exercícios após cada lição e o uso de quadrinhos e tiras nas ilustrações. As cartilhas, embora muito utilizadas na alfabetização, limitavam o processo de criação e imaginação das crianças oferecendo uma aprendizagem de memorização, soletração e repetição, desconsiderando as vivências das crianças.

Essa prática também presente na formação de professoras alfabetizadoras, que acontecia no curso Normal (nível técnico), pautada pelos métodos de alfabetização, sejam, sintéticos, analíticos e/ou misto, que tinham como princípio o processo de ensino por meio da silabação como eixo da aprendizagem da leitura e da escrita.

A formação no nível superior foi possível com a chegada do Centro Universitário/UEMT em Três Lagoas no final dos anos de 1960 e, no final dos anos de 1970, com a divisão do estado de Mato Grosso de Sul, nasce a UFMS.

Com isso a formação das professoras alfabetizadoras ganha um novo aliado, o curso de Pedagogia, que apesar de não formar, ainda, a professora alfabetizadora, apresentava uma formação ampla na área da educação.

Durante o período de Graduação, as acadêmicas atuavam como estagiárias em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, observavam, participavam e ministravam aulas nas turmas de alfabetização. Tinham um modelo de planejamento a ser seguido, desconsiderando na prática os estudos que realizavam no curso. Portanto, prevalecia um modelo pré determinado, mantendo as cartilhas como único recurso didático da professora alfabetizadora.

A educação do Estado de Mato Grosso do Sul (pós divisão) passou a elaborar as suas próprias Diretrizes Curriculares com a participação dos supervisores escolares e supervisores centrais da Secretaria de Educação e das Agências Regionais de Educação, sob a orientação de uma equipe de consultores do Rio Grande do Sul.

De acordo com os estudos de Espíndola (1998), as diretrizes curriculares não recomendavam o uso de qualquer cartilha, pois acreditavam que seria possível a professora alfabetizadora elaborar seu planejamento juntamente com as crianças. A autora explica que algumas mudanças foram realizadas, pois não iriam adotar nenhuma cartilha, mas a equipe técnica preocupada com o trabalho pedagógico das professoras alfabetizadoras, foi em busca de uma alternativa, para que o trabalho não ficasse “muito solto”.

O grupo de supervisores responsável pela implantação das Diretrizes Curriculares (DC), diferentemente do que havia decidido a equipe de consultores responsável pela elaboração das DC, optou por adotar uma cartilha para ser utilizada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Estadual de Ensino. A escolhida, por ser considerada mais adequada ao que estava proposto nas diretrizes, foi a cartilha elaborada por Iêda Dias da

Silva **O Barquinho Amarelo: método da experiência criadora**, que trabalhava na perspectiva da abordagem analítica em alfabetização.

Experiência essa com pouco resultado positivo considerando que as professoras com uma prática há anos pelo método sintético tiveram dificuldades de trabalhar com o texto, sem destacar as famílias silábicas. Os resultados das avaliações não foram satisfatórios e por isso gerou a organização de um abaixo assinado das professoras para a extinção da proposta no estado de Mato Grosso do Sul.

Devido a dificuldade das professoras em trabalhar com o método analítico, a Rede Estadual de Ensino buscou novas metodologias e ofereceu uma formação de 360 horas sobre a **Técnica do Reforço** de autoria da Profa Albanize Aparecida Abedes Neves Gammardela do Instituto Psicopedagógico de Orientação de São Paulo – SP. O termo “Técnica de Reforço”, trazia pré-requisitos, normas, método determinado, passos e etapas estabelecidas, prontas para serem seguidas pelas professoras e crianças.

Tal técnica não seguia uma cartilha, a autora era a própria professora que com o apoio da criança organizava sua cartilha, tendo como foco central o levantamento de vocabulário e palavras-chave levantada pela professora para introduzir o processo de leitura e escrita.

Lima (1991) apresenta um projeto de extensão denominado “Novos Rumos para o processo de Alfabetização”, ideias e referenciais advindas de estudos de cunho teórico e científico de sua participação no grupo de trabalho sobre alfabetização da ANPED (Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação).

Neste período, o grupo de professoras de Três Lagoas sentiu a necessidade de uma redefinição conceitual e metodológica na referida técnica do reforço, propondo mudanças com ênfase na literatura infantil e na ludicidade. Partindo dos estudos piagetianos em que o princípio de todo o desenvolvimento intelectual da criança em fase de formação de conceitos baseia-se no processo de assimilação (jogo) e acomodação (imitação) com a consequente adaptação (percepção da realidade).

O enfoque central era propor às professoras uma prática pedagógica de alfabetização, baseada no contexto social e cultural das crianças, oportunizando-as a organização e confecção do seu próprio material de apoio ao processo de leitura e escrita: **Meu Caderno de Produções**, uma cartilha não mais construída pelo professor, mas pela criança.

Nesta nova proposta⁵, a alfabetização tem uma conotação ampla: deixa de ser o simples ato de decodificar e codificar sons e letras, ganhando espaço em que a criança, além de ler e escrever, deve explicar o significado do real. Com isso, a criança passa a escolher as palavras-chave ou geradoras dos seus textos, são autoras das suas orações ou frases,

⁵ A Revista Nova Escola (abril/1991, p. 10-17) apresenta a matéria “Alfabetização - As várias faces do Mato Grosso do Sul” sobre as experiências deste projeto.

ilustradoras com os próprios desenhos, de acordo com a sua experiência e vivência do mundo que a cerca, de uma forma dinâmica e significativa do aprender a ler e escrever.

Como podemos verificar o percurso histórico da alfabetização no estado de Mato Grosso do Sul atravessou diferentes momentos e, por muito tempo, esteve situado em questões e tensões em torno do método de alfabetização mais “eficaz” para sanar as dificuldades das professoras no ensinar a ler e a escrever.

O ano de 1990 foi escolhido como o Ano Internacional da Alfabetização/AIA 90, o Departamento de Educação de Três Lagoas/UFMS foi o único a elaborar um projeto de ensino, pesquisa e extensão. De acordo com Lima (1991), o projeto **Resgate da Realidade sobre a Alfabetização do MS**, congregou professores dos vários níveis de ensino, alfabetizadores, acadêmicos, gestores públicos e dirigentes institucionais de educação com a participação de todos os municípios estado e de várias localidades do país que origina o Seminário “**AIA/90 - Alfabetização no Estado de Mato Grosso do Sul: alfabetizar além das palavras**”.

O projeto foi elaborado e aprovado de acordo com as normas do Programa de Integração da Universidade com o ensino de 1º grau da Secretaria Nacional de Ensino Superior do MEC (Ministério da Educação) que foi iniciado em 1986 e executado pelas Pró-Reitorias da UFMS, firmando a parceria entre a educação superior e a educação básica. O evento foi mais um passo dentre as inúmeras ações que o curso de Pedagogia desenvolve no câmpus de Três Lagoas para evidenciar políticas de e para alfabetização em todas as suas facetas.

Após o AIA/90, o curso de Pedagogia de Três Lagoas assume o protagonismo com as primeiras produções científicas em alfabetização e formação de professores alfabetizadores, com as monografias: Souza – erro construtivo (1991; 1994); Bispo – a psicogênese da língua escrita (1991; 1995); Moreira - campo conceitual do alfabetizador (1996; 1997); Cruz – Trajetórias Formativas em Leitura e Escrita (2017), entre outras.

Outros momentos que marcam a história da Alfabetização no estado e, em especial na região leste, o primeiro Projeto de Pesquisa Interdisciplinar aprovado pelo CNPq (1995) que catalizou seis bolsas de iniciação científica, sob a coordenação da professora Lucrécia Striguetta Mello.

Dando continuidade aos estudos de alfabetização, foi criado em 2007 o ALLEM (Laboratório de Estudos e Investigação sobre Alfabetização, Letramento e Letramento Matemático) coordenado pelas professoras Ana Lúcia Espíndola e Neusa Maria Marques de Souza com o objetivo de oportunizar estudos e investigações que pudessem pautar as práticas de alfabetização e letramento em ambientes escolares e não escolares.

Entre essas ações, em 2006, no câmpus de Campo Grande/UFMS foi criado o

GEPLEI-THC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Educação e Infância – Teoria Histórico Cultural) coordenado pela professora Regina Aparecida Marques de Souza, que em 2016 se transfere para o câmpus de Três Lagoas e tem professora Terezinha Bazé de Lima como vice-coordenadora. O grupo estuda as dimensões de apropriação da cultura escrita, da formação de leitores e suas correlações à educação para a infância e sua base teórica tem como pressuposto a teoria histórico-cultural desenvolvida por Vigotski e seus colegas como Luria, Leontiev, Elkonin e Davidov.

Os grupos mencionados marcam a trajetória do fomento ao Ensino, à Pesquisa e principalmente à Extensão nas práticas do trabalho alfabetizador. Por meio das ações dos grupos, monografias, dissertações e teses já foram socializadas à comunidade acadêmica e, além disso, houve a liderança de uma diversidade de cursos e programas de formação como, por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que efetiva a formação continuada em serviço com a participação de mais de cinco mil professores alfabetizadores.

Com a consolidação do Ensino, Pesquisa e Extensão no Campus de Três Lagoas, no âmbito dos estudos em Alfabetização, o Curso de Pedagogia do CPTL tem em sua estrutura curricular disciplinas que contemplam a formação da professora alfabetizadora, bem como, caminha para a criação de um Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão cuja abertura marca também a criação do FEALEMS (Fórum Estadual de Alfabetização, Leitura e Escrita de Mato Grosso do Sul) a ser mantido inicialmente pelo GEPLEI-THC na UFMS/CPTL.

Esses momentos históricos em prol do processo de alfabetização no Estado de Mato Grosso do Sul visou ultrapassar os limites do autoritarismo e do espontaneísmo. O caminho encontrado foi o do processo de construção do conhecimento que nos proporcionou vislumbrar mudanças em espiral, avançando do senso comum em direção ao conceito científico, senso da realidade e compromisso com os estudos e produção científica, nessa travessia o processo passou de positivista e mecanicista, para uma concepção humanista, construtivista e hoje histórico-cultural.

Considerações Finais

As memórias aqui demarcadas afloram a história de um tempo vivido. A oportunidade de escrevê-las nos trouxe um sentido ímpar para compreendermos que nossas vivências desencadeiam de relações interpessoais e intrapessoais, não construímos nenhum percurso sozinhas, somos pessoas que vivemos e vivenciamos, situações e relações sociais determinadas pela necessidade e pelo interesse na temática.

Neste processo buscamos conhecer os fatos “como se passaram” e essa reconstrução

do passado tanto remoto como recente buscamos compreender historicamente o tempo e o lugar por onde andamos e fizemos nossas incursões e histórias.

Nossa preocupação com a compreensão do passado se justifica na medida em que nossas reflexões servem para orientar a construção do futuro desejado, bem como a mudança na formação da professora alfabetizadora em oportunizar um processo de alfabetização que considere a criança como protagonista, a cultura como mediadora do conhecimento e a professora como organizadora do trabalho pedagógico, temos assim o triplo protagonismo da ação do ensinar-aprender-desenvolver.

E assim, contamos um pouco da nossa história... e como dizem os grandes narradores: “entrou por uma porta, saiu pela outra! Quem quiser, que conte outra!”

Referências

ESPÍNDOLA [RODRIGUES], Ana Lúcia. **A Alfabetização no Estado de Mato Grosso do Sul (1979 - 1990):** limites e possibilidades das propostas pedagógicas. 1997. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 1997.

ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. **Breves Cartas a uma Jovem Professora, alguns Poemas e Outros Relatos:** memorial descritivo de ações desenvolvidas no ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2019. 164f. Memorial (Concurso para Professor Titular) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2019.

FERNANDES, Eloísa B. **Expansão Universitária em Mato Grosso do Sul: 1979 – 2001.** 2003. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, 2003.

LIMA, Terezinha B de. **Diretívismo e não Diretívismo no Processo de Alfabetização:** uma ação integradora no município de Três Lagoas. 1991. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, 1991.

MORTATTI, Maria do Rosário L. **Os Sentidos da Alfabetização:** São Paulo/ 1876-1994. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2004.

REGO, Tereza Cristina. **Memórias de Escola:** cultura escolar e constituição de singularidades. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.